

Índice

A Violência Neuronal	9
Para Lá da Sociedade Disciplinar	19
O Tédio Profundo	25
<i>Vita Activa</i>	31
A Pedagogia da Visão	39
O Caso Bartleby	45
A Sociedade do Cansaço	51

A VIOLÊNCIA NEURONAL

Cada época tem as suas doenças paradigmáticas. Podemos, assim, dizer que existe uma época bacteriana que só durou, porém, quando muito, até à descoberta dos antibióticos. Apesar do medo descomunal de uma pandemia gripal, não vivemos presentemente na época viral. Graças ao desenvolvimento da técnica imunológica, já a conseguimos ultrapassar. De um ponto de vista patológico, não é o princípio bacteriano nem o viral que caracterizam a entrada no século XXI, mas, sim, o princípio neuronal. Determinadas doenças neuronais, tais como a depressão, o transtorno por défice de atenção e hiperatividade (TDAH) ou certas perturbações da personalidade — transtorno de personalidade *borderline* (TPB) ou síndrome de *burnout* (SB) — descrevem o panorama patológico do início do século XXI. Não estamos já perante infeções, mas, sim, enfartes, originados não pela *negatividade* do outro imunológico, mas, sim, por um excesso de *positividade*. Daí que tais enfartes se subtraíam a toda e qualquer técnica imunológica, cuja função é defender o Eu da negatividade do outro.

O século passado foi uma época imunológica, um período em que se traçou uma clara distinção entre interior e exterior, amigo e inimigo, próprio e estranho. A própria Guerra Fria seguia este esquema imunológico. Na realidade, o paradigma

imunológico do século passado está, ele mesmo, profundamente dominado pela terminologia da Guerra Fria, por um autêntico dispositivo militar, por assim dizer. Todo o mundo imunológico se definia em função da ideia de ataque e defesa. A este dispositivo imunológico, que não se restringia apenas à esfera biológica mas que se estendia pela esfera social, abrangendo a sociedade como um todo, subjazia uma cegueira: tudo o que era estranho seria eliminado. O objeto da defesa imunológica é a estranheza enquanto tal. Mesmo que o estranho não tenha qualquer intenção adversa, mesmo que não represente nenhum perigo, a sua *alteridade* conduzirá à sua eliminação.

Nos últimos tempos têm surgido algumas teorias sociológicas que têm por base determinados modelos exegéticos de um foro manifestamente imunológico. A atualidade do discurso imunológico não deve, porém, ser interpretada como sinal de que a sociedade de hoje esteja, mais do que nunca, organizada em termos imunológicos. A expressa conversão de determinado paradigma em objeto de reflexão é, não raras vezes, sinal do seu declínio. Desde há algum tempo a esta parte que se tem vindo a dar, de modo não de todo manifesto, uma mudança de paradigma. A Guerra Fria terminou precisamente na sequência desta mudança de paradigma¹. A so-

1 Curiosamente, assistimos a uma subtil relação recíproca entre o discurso social e o discurso biológico. As ciências incluem também dispositivos de origem não científica. Deste modo, podemos constatar uma mudança de paradigma no seio da imunologia médica a seguir à Guerra Fria. A imunologista americana Polly Matzinger rejeita o velho paradigma imunológico da Guerra Fria. De acordo com o seu modelo imunológico, o sistema imunitário não distingue entre *self* e *non-self*, entre próprio e estranho ou outro, mas, sim, entre *friendly* e *dangerous*, cf. Matzinger, Polly (2007). "Friendly and dangerous signals: is the tissue in control?", in: *Nature Immunology*. Vol. 8. I. pp. 11-13. O objeto da defesa imunológica já não consiste na estranheza ou na alteridade enquanto tais. Só o intruso que se comporte de modo destrutivo no seio do próprio será eliminado. Enquanto o estranho não se comportar dessa maneira, a resistência imunitária não é ativada. De acordo com a teoria de Matzinger, o sistema imunitário *biológico* é mais hospitaleiro do que se pensava. Não sabe o que é a xenofobia. É, portanto, mais inteligente do que a sociedade humana que pratica a xenofobia. A xenofobia é uma reação

cidade de hoje tende cada vez mais a identificar-se com uma constelação que se subtrai totalmente ao esquema imunológico de organização e de defesa. Esta constelação define-se pela supressão da *alteridade e da estranheza*. A alteridade é a categoria fundamental da imunologia. Qualquer reação imunológica é uma reação à alteridade. A alteridade é, contudo, hoje em dia, substituída pela *diferença*, categoria que já não pressupõe qualquer reação imunológica. A diferença pós-imunológica, ou pós-moderna, já não é sinónimo de doença. No plano da imunologia, ela corresponde ao *idêntico*². É como se à diferença faltasse o aguilhão da estranheza, capaz de desencadear uma forte reação imunológica. Também a estranheza se reduz a uma fórmula de consumo. O estranho dá lugar ao exótico. O *turista* visita-o. O turista e o consumidor deixaram de ser *sujeitos imunológicos*.

Na sua teoria da *Immunitas*, Roberto Esposito parte de um falso pressuposto, quando afirma: “Basta pegar em qualquer jornal publicado nos últimos anos para constatar que, independentemente do dia em questão, as notícias, mesmo aquelas reunidas na mesma página, se referem a acontecimentos sem qualquer aparente relação entre si. Pois o que têm de comum entre si fenómenos como o combate à deflagração de uma nova epidemia, a oposição ao pedido de extradição de um chefe de Estado estrangeiro acusado de violar os direitos humanos, o reforço dos baluartes contra a imigração clandestina e as estratégias que permitem a neutralização do vírus informático mais recente? Nada, se os considerarmos como fenómenos confinados aos seus próprios domínios — o da medicina, do direito, da política social e da tecnologia infor-

imunitária patologicamente sobreacentuada que chega inclusive a ser perniciosa para o desenvolvimento do próprio.

2 O próprio pensamento heideggeriano apresenta um cunho imunológico. Heidegger recusa terminantemente o *idêntico*, contrapondo-lhe o *mesmo*. Ao contrário do idêntico, o mesmo possui uma interioridade sobre a qual assenta toda a reação imunológica.